

## **26º Encontro Nacional dos Combatentes**

**10 Junho 2019 | Belém**

Combatentes de Portugal e suas Famílias,  
Digníssimos convidados,

Celebrar Portugal em mais um 10 de Junho só faz sentido se soubermos evocar o tanto que tão poucos Portugueses deram ao nosso país. Oscilamos na História entre epopeias e tragédias, entre tumultos e estagnações, entre coragem e afrouxamento. Não temos sido nem melhores nem piores do que outros países de igual dimensão. Talvez nos distingamos por um certo pessimismo cíclico, uma descrença colectiva, um fatalismo identitário.

Quero-vos dizer que não tem de ser assim.

Que é possível orgulharmo-nos da nossa História mesmo quando ela nos foi madrasta. Que é possível acreditarmos no nosso potencial colectivo se soubermos cultivar uma sã convivência entre gerações. E que é possível termos um Portugal mais justo e digno se soubermos colectivamente homenagear com a dignidade que merecem todos aqueles que, de forma desprendida mas plena de missão patriótica, serviram e servem o país nas nossas Forças Armadas.

Tenho viajado muito por esse mundo fora e não são poucas as vezes que oiço palavras de elogio aos nossos militares. Há um lastro de nobreza de carácter, de serviço ético a Portugal e às suas Alianças, de grandeza de espírito e coragem quando confrontados com situações de elevado risco. Elogios que vincam a nossa dimensão humanista, de ponte cultural, num à vontade genuíno que nos integra como poucos em território estranho e nos faz ficar, quantas vezes a pedido dos próprios países. Quando oiço isto sinto um orgulho imenso em ser Português, em ser um de vós, em acreditar no valor dos Portugueses que, vestindo uma farda à medida, fazem sempre o melhor que sabem e podem com um brio inesgotável.

Caros Amigos,

Celebrar Portugal e os Combatentes não é fazer um julgamento histórico às decisões políticas do passado. É, acima de tudo, homenagear os muitos que já partiram. Estou certo que ao longo dos últimos 25 Encontros Nacionais de Combatentes foram inúmeras as recordações sentidas, as honras prestadas, as memórias evocadas, a saudade partilhada. Quero associar-me a todas essas homenagens.

Mas queria acrescentar uma outra, por vezes secundarizada, mas não menos relevante: uma homenagem aos familiares que cá ficam. São eles o suporte inquebrantável dos nossos bravos militares. São eles os sofredores maiores com uma distância que a todos penaliza e com uma realidade que só lhes pode ser contada ao longe. São eles que recebem de braços abertos quem regressa de missões de paz ou de guerra, sem pedir explicações. Sem pedir nada em troca.

São eles que partilham as dores de combate, as feridas que nunca irão sarar, as perdas de camaradas, as imagens que jamais sairão da memória dos nossos Combatentes. Portugal deve tanto aos que partem como aos que ficam. A minha mais profunda homenagem às Famílias dos nossos militares.

Combatentes,

Nunca cumpri o serviço militar. Não tenho por isso a experiência de vestir o uniforme e servir Portugal dessa forma. Fá-lo-ei noutras, certamente. Não quero, nem posso, ousar perceber o que é estar num teatro de guerra ou numa missão de estabilização da paz.

Mas precisamente por ter estas condicionantes, sinto-me completamente livre para vos homenagear. E, se me permitem, faço-o também através do meu Pai, antigo Oficial da Reserva Naval, ex-Combatente em África e um testemunho de vida do que tem sido olhar e viver as memórias de antigo Combatente com um orgulho inesgotável, uma camaradagem incomparável, um sentido ético inflexível.

Permitam-me, assim, que através do meu Pai, homenageie os militares que já partiram, os familiares que cá se encontram, os militares feridos em combate e que também estão aqui entre nós, e os militares que continuam a cumprir o seu desígnio patriótico em missões nacionais ou integradas nas Alianças de que Portugal faz parte.

O combatente de hoje é um veterano de guerra amanhã e o país deve continuar a dignificá-los em que contexto histórico for. E deve fazê-lo desprovido de julgamentos políticos.

Deve, isso, sim, concentrar esforços em melhorar a rede de saúde pública à altura das suas necessidades, físicas e psicológicas, extensíveis aos seus familiares mais próximos;

Deve concentrar esforços em criar um enquadramento jurídico estável, previsível e imune às mudanças governativas, capaz de dignificar as carreiras militares;

Deve concentrar esforços em proporcionar um digno regime de reinserção social e profissional que consiga absorver a experiência e o conhecimento dos antigos Combatentes, transmitindo-os às gerações mais novas, habituadas à paz;

E deve, ainda, ao dignificar e homenagear os Combatentes e as Forças Armadas, ser capaz de realizar uma evidência sobre a qual já nem dúvidas deveriam existir em 2019: um país só aprende a respeitar-se na sua decência quando conseguir não deixar ninguém para trás, não deixar ninguém esquecido.

Falta, como sabemos, fazer ainda muito para chegar a esse patamar. Estes Encontros cumprem, certamente, um nobre caminho. Outras iniciativas cumprirão igualmente as suas rotas.

Mas permitam-me que, sendo alguém que tem feito da comunicação palco da sua actividade profissional, vos deixe uma ideia para, colectivamente, podermos atingir esse patamar de dignidade neste nosso país: é fundamental dialogar com o resto da sociedade portuguesa.

É preciso abrir o discurso sobre os Antigos Combatentes, as Forças Armadas, a Defesa e a Segurança, interna ou externa, às escolas, universidades, fundações, institutos, a quem faz opinião na imprensa ou a dirige.

Estes tempos de maior incerteza não precisam de uma sociedade desinteressada, mas sim comprometida; não precisam de críticas avulsas, mas sim de um escrutínio militante; não precisam de decisões voluntaristas, mas sim preparadas e rigorosas. Só trabalhando uma atmosfera pública sensível aos vossos, nossos, dilemas, pode o poder político ser influenciado na tomada das melhores decisões.

Tenho, meus amigos, consciência do meu papel nesta empreitada. Posso dizer-vos que contem comigo. Tenho, também, consciência que o convite que me foi feito para vos falar hoje, nesta cerimónia, aponta igualmente nesse sentido. Não fujo à responsabilidade. Por isso aceitei estar aqui.

Terá sido, sem grande hesitação, o convite que mais me honrou nestes 40 anos de vida.

Muito obrigado. Viva Portugal!

Bernardo Pires de Lima